

Yves Coppens (1983) — *Le Singe, l'Afrique et l'Homme* (Fayard). *O macaco, a África e o homem*, tradução de Victor Gonçalves, 1985 (Gradiva).

O interessante livro de Yves Coppens constitui um discorrer sobre a evolução dos Primatas e as origens do Homem. O autor, que viveu no terreno longas e frutíferas pesquisas páleo-antropológicas, conduz neste texto uma reflexão de síntese, que integra os dados recentes (1) mais relevantes para a reconstituição da longa aventura.

É um livro breve mas denso, simples, ao nível da divulgação destinada ao público consumidor das Ciências humanas, mas percorrido por questões complexas. Análogo aos fenómenos que descreve, não tem capítulos nítidos, só alguns pontos de descontinuidade do texto, em que o discurso da evolução analisa novos documentos e reconstitui novos eco-sistemas e pressões selectivas.

Em cada jazida e sobre cada estrato que oferece fósseis de Hominídeos debruçam-se paleontologistas, páleo-antropólogos, geólogos, geo-morfologistas, páleo-estratígrafos, tafonomistas (que estudam o processo de conservação dos ossos fossilizados), páleo-ecólogos, palinólogos (que identificam os pólenes fósseis visando reconstituir a flora contemporânea), micro-páleo-mamalogistas, e outros especialistas.

Identificar os fósseis hominianos, reconstituir a configuração dos seres a que pertenceram, esclarecer (pelo estudo dos dentes) o seu regimen alimentar, estudar a fauna e a paisagem envolventes, deduzir o clima e as suas variações anuais, pôr em convergência métodos de datação que permitam uma avaliação credível da idade dos materiais recolhidos — tal é a tarefa enorme que junta «qualidades de observação e de ordem» ao «extraordina-

rio dever de imaginar» da Paleontologia. Só assim o conjectural se torna plausível, possível e eventualmente provável.

Nos últimos quinze anos multiplicaram-se os vestígios fósseis de Hominianos primitivos e Pré-hominianos, preenchendo pouco a pouco alguns dos hiatos profundos que existiam, e suscitando novos problemas e interrogações.

Yves Coppens considera, sucessivamente, as formas fósseis de Primatas que percorreram o Cenozóico: *Purgatorius* ronda os 65 m.a. (milhões de anos); *Plesiadapis* (55 m. a.) tem semelhanças com as Tupaias actuais; *Adapis* (50 m. a.) mostra certas equivalências estruturais com os Lémures modernos; enquanto *Omomyidae* (50 m. a.) sugere, pelos seus traços, ser um precursor dos Tarseídeos.

Há perto de 40 m. a. dá-se a clivagem evolutiva entre os antepassados dos Platirrídeos e dos Catarrídeos, que passam a evoluir separadamente segundo um modelo geral de paralelismo. Os primeiros são ilustrados por *Branisella* (35 m. a.), e os segundos pelos Primatas fósseis do Fayum (30 a 35 m. a.). Entre estes últimos, *Cercopithecidae* vão levar à irradiação dos simiiformes da África e da Ásia; *Pliopithecidae* conduzirão provavelmente aos Gibões e ao Siamang; *Dryopithecidae* vão originar os possíveis antepassados comuns aos Pongídeos e ao género *Homo*.

Há cerca de 17 m. a. colidem as placas continentais afro-árabe e asiática, separadas pelo mar de Tétis: acontecimento geotectónico de consequências decisivas para o clima miocénico do Leste africano, provocando arrefecimento e seca, um recuo das florestas e abertura de espaços livres — clareiras, savanas arbustivas e desérticas. Os Primatas africanos colonizam extensos espaços asiáticos; populações de hábitos arborícolas iniciam adaptação à vida terrestre ou semi-terrestre, na orla das florestas e nas savanas, sofrendo transformações morfológicas, fisiológicas, etológicas e psicológicas correlativas.

(1) Outros se lhes juntam em ritmo crescente (ue põem em causa, muitas vezes, os mais fundamentais discursos da hominização precedentes. *O Journal of Human Evolution* (Academic Press) mantém uma boa actualização neste domínio.

*Kenyapithecus wickeri* (14 m. a.), possível descendente dos Driopitecos, utiliza os gumes cortantes de seixos, fracturados naturalmente, que guardam nas arestas sinais de uso intencional. Esta espécie parece situar-se próximo da cladogénese *Homo* / Pongídeos africanos. Segue-se um grande hiato, que encobre 6 a 7 m. a. de evolução pré-hominiana (enquanto dos antepassados de *Pan* e *Gorilla* se perde qualquer rasto).

Os Hominídeos primitivos mais arcaicos<sup>(2)</sup> — a que Yves Coppens chama Pré-Australopitecos, e que são ilustrados pelo esqueleto quase completo de «Lucy», encontrado no Afar etíope, e denominados *Australopithecus afarensis* — ascendem a 5 m. a. (mas na página 83 há uma referência ao achado de Hidemi Ishida, de dentes com 8 m. a. pertencentes a uma forma precursora de Australopitecos).

A forma arcaica *Australopithecus africanus* dá lugar, no Leste de África, a *Australopithecus boisei*, e, no Sul do continente, a *Australopithecus robustus*. Entretanto, o género *Homo* parece ter-se já separado claramente, e Coppens fá-lo remontar a uma época muito anterior à que é classicamente aceite. Notáveis achados proto-etológicos e proto-arqueológicos iluminam o comportamento dos Hominídeos: as pegadas hominianas deixadas no lodo fóssil de Laetoli, pertencentes a seres bípedes dotados de um pé propulsivo semelhante ao nosso (Mary Leakey); e as primeiras indústrias líticas pré-Acheulenses — a utensilagem arcaica de micro lâminas do vale do Omo, Etiópia, com 2 a 3 m. a., atribuível a Australopitecianos; e a indústria «oldowaiense», coeva de *Homo habilis* em Olduvai Gorge — que atestam da destreza de uma mão dotada ao mesmo tempo de *power grip* e de *precision grip*.

As especulações, contidas nas páginas 119 e 120, sobre a origem da linguagem — atribuída a *Homo habilis* — parecem, no essencial, justificadas, embora superficiais. Os primeiros construtores de artefactos líticos diversificados merecem habilitar-se a fundadores da linguagem... E contudo, a linguagem há-de ter percorrido níveis crescentes de complexidade, em retro-acção das técnicas de clivagem dos seixos, da avaliação e premeditação dos seus efeitos sobre o ambiente, constituindo pressão selectiva prolongada para o desenvolvimento do *neo-pallium* e a assimetria funcional hemisférica, que se aceleram nos últimos 2 m. a. O «nacer da consciência reflectida» (p. 119) surge-nos como uma redundância: a consciência não nasceu feita no transpor de um qualquer limiar, antes se desenvolveu epigeneticamente plano a plano, e a função adaptativa dos seus efeitos selecciona os traços que a expandem de geração em geração.

Retratado ponto a ponto pelos documentos que se acumulam, *Homo habilis* val cendo o seu perfil: «Um metro e trinta a um

são ou dirigindo-lhes curtos encadeamentos de sonoridades articuladas» (p. 111). Mas o hipotético observador de terreno — faria ele Etologia ou Antropologia? — ficaria decerto surpreendido com as *habilidades* técnicas e a complexidade cultural de tais populações.

Improvável é a coexistência neutra de *Homo habilis* e *Australopithecus boisei*, sugerida pelo autor (p. 104). Sabemos que as duas espécies simpátricas (não necessariamente simpáticas, conforme resulta da gralha da versão portuguesa), partilharam o mesmo *habitat* durante mais de um milhão de anos. *Homo habilis*, ser gregário, predador cooperativo dotado de consideráveis meios técnicos, engenhoso, tenso, explorador interessado do seu mundo, perscrutador atento das extensões não arborizadas da área vital do seu grupo, não podia ficar indiferente aos grupos de Hominídeos mais volumosos e mais herbívoros do que ele próprio, como ele gregários e inteligentes, mas de outro modo, constituídos por *Australopithecus boisei*. E reciprocamente.

A chave da evolução hominizante parece comportar algumas perguntas essenciais: quais as variações do ambiente nos últimos 17 m. a. em África a Leste do Grande Vale do Rift? Quais os comportamentos esboçados nas populações ancestrais que, face às transformações do meio, constituíram *pré-adaptações* perante novas pressões selectivas? Por um lado, «todos os fósseis examinados se mostram sempre demasiado especializados para representar os verdadeiros antepassados» (p. 43). Por outro, certos traços e tendências incipientes podem ser ampliados por selecção natural e vir a tomar importância decisiva na evolução ulterior das espécies.

Ora a selecção não incide sobre caracteres isolados: também a relação adaptativa (ou inadaptativa) entre um traço e o conjunto de atributos do organismo em que ele desempenha um papel funcional é alvo de selecção. As duas espécies actuais de Chimpanzés mostram adaptações estruturais e comportamentais que muito provavelmente existiram nos antepassados comuns a Pongídeos e Hominídeos, tais como: visão de relevo, mão preênsil, bipedismo episódico, caça cooperativa de pequenas presas, uso de utensílios líticos naturais com vista à abertura de nozes duras, dimorfismo sexual para comportamentos de obtenção alimentar. A exploração dos novos *habitats* miocénicos que se abriram pode ter desenvolvido estas aptidões larvadas, de forma concertada e inter-activa, levando ao desenvolvimento de uma linha hominiana.

Contudo, nem todos os Hominídeos conduziram ao género *Homo*. Tal foi o caso de *Oreopithecus bambolii*, espécie colateral, com traços hominianos e não hominianos, cujo prestígio se deve à descoberta, por Hürzeler, de um esqueleto quase intacto, em lenhites da Toscana. Mas ainda que se procure, em cada camada geológica, o fóssil de Primata que mais próximo se afigura da linha hominizante, como garantir que se trata de um antepassado genuíno? Por isso, paleontologistas e páleo-antropólogos recorrem a todos os

(2) Há dúvidas se *Kenyapithecus* pode ser classificado como um Hominídeo.

metro e quarenta para uns 40 Kg, o rosto quase chato, a cabeça de tamanho reduzido (...) Diligenciamos imaginá-lo (...) fazendo sinal aos seus companheiros de excursões semiológicos actuais de reconstituição e sistematização taxonómica, com a meticulosidade de aristocratas decididos a excluir da sua genealogia bastardos e intrometidos.

Não se pode elogiar a tradução deste livro, pontuado por erros incómodos, sobretudo referentes aos nomes vernaculares das espécies actuais, v. primáticas (o Siamang transforma-se ora em Siamango, ora em Siamanga, o Atelo em Átele, os Tamarins em Tamarinos, os Galagos em Gálagos...), para além de galicismos (grossa molécula por macro-molécula, recém-nascido em lugar de recém-chegado, etc.) e de um erro grotesco que se repete: *dentadura* (!) em vez de denteição. Também as ilustrações são feias e inexpressivas, em acordo com o mau gosto da capa. Mas nada disto retira interesse ao texto, nem consegue desnaturar o objecto apaixonante do discurso da hominização.

O livro de Yves Coppens é um antídoto oportuno para certas correntes psicológicas e culturalistas que tendem a denegar o passado biológico do Homem actual, e a ignorar que a extinção das espécies que precederam *Homo sapiens sapiens* não equivale à sua ine-

xistência. Cada manhã, antes de começarem o trabalho, esses investigadores em Ciências humanas (psicólogos, sociólogos, antropólogos) deveriam porventura repetir a si próprios — à semelhança do rei Dario, a quem dois servos recordavam diariamente: «Senhor, lembra-te dos Atenenses!...» — que temos uma história natural, e que um contínuo de antepassados Hominídeos, Hominídeos primitivos e Pré-hominídeos nos prolongaram no passado, e aos fenómenos que investigam.

Herdeiros de um *pool genético*, de um *aparelho neuro-psíquico* e de *sistemas comportamentais* aferidos durante longos períodos em *habitats* desaparecidos, recebemos o essencial da nossa detestável natureza de seres hiper-expressivos e demonstrativos, miméticos e sugestionáveis, obedientes mas premeditados, hierárquicos, egoístas, irrisórios. Com a agravante de que esses traços se tornam em parte inadaptativos, desde que o ritmo das transformações culturais (sobretudo depois do Neolítico) impôs pressões de uma ecologia cultural. Por isso, «temos de ser indulgentes para com o Homem, pensando na época em que foi criado» (Alphonse Allais, citado por Yves Coppens).

ANTÓNIO BRACINHA VIEIRA